

Conjuntura

PIB mostra recuperação, mas enchente terá impacto

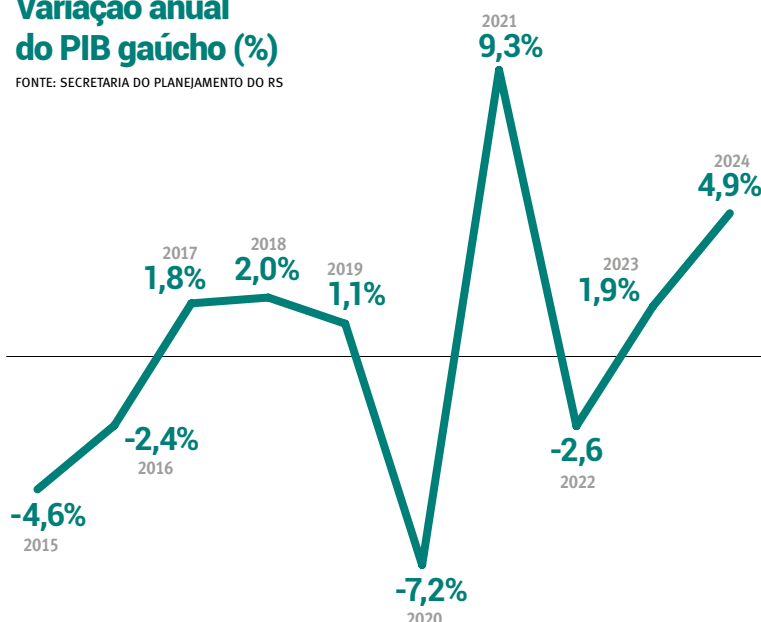
Departamento de Economia e Estatística do RS observa que consequências como perdas e suspensão de operações terão efeito a médio e longo prazos

O ano de 2024 foi marcado pela maior catástrofe climática do RS. No mês de maio, enchentes afetaram 471 das 497 cidades gaúchas e, consequentemente, suas economias. Apesar disso, o Produto Interno Bruto (PIB) do RS apresentou um aumento de 4,9% em relação ao de 2023, somando R\$ 706,81 bilhões. O número mostra recuperação do Rio Grande do Sul, mas, de qualquer forma, causa surpresa, considerando as perdas bilionárias em solo gaúcho. Há uma explicação, de acordo com a equipe do Departamento de Economia e Estatística do Estado (DEE-RS): o PIB mede o fluxo de produção, e não capta de forma imediata impactos nas perdas de estoque de capital.

Para o diretor adjunto do DEE-RS, o estatístico Pedro Zuanazzi, o PIB não é capaz de medir o estoque perdido. “Um exemplo corriqueiro é de quem teve a casa destruída pela enchente e reconstruiu, seja por auxílio do governo, pegando créditos ou até mesmo se endividando. Isso para o PIB pode até ser positivo, porque aquele valor vai estar entrando no PIB, já que é uma construção nova, que está gerando um novo

Variação anual do PIB gaúcho (%)

FONTE: SECRETARIA DO PLANEJAMENTO DO RS



valor. Mas o estoque do que foi perdido não é reduzido do PIB. Então, às vezes, pode dar uma falsa sensação de que está tudo bem.”

Os valores positivos de 2024 se devem muito ao agronegócio. A perda de estoque, nesse caso, também deve gerar impactos a longo prazo. “Houve muita perda de fertilidade do solo, a água passava e levava embora aquela camada superficial e vários nutrientes. Isso vai diminuir o rendimento médio das produções ou o produtor vai ter que investir mais para repor a fertilidade. E esse é o típico efeito que a gente não vê no ano, mas que vai aparecer nos próximos períodos”, avalia o economista do DEE-RS Martinho Lazzari.

Tanto Zuanazzi quanto Lazzari

concordam que não é possível estipular por quanto tempo as consequências da enchente na economia poderão ser sentidas.

Afinal, haverá dois diferentes impactos que conflitam entre si: o positivo, proporcionado pela injeção de aportes e recursos voltados à retomada econômica e à resiliência; e o negativo, gerado pela perda de estoques de capital.

O impacto positivo da reconstrução pode ser, de certa forma, estimado pelo calendário do Fundo do Plano Rio Grande (Funrigs), mas há ainda outros projetos de reconstrução e resiliência que geram impactos indiretos na economia. Por sua vez, os impactos negativos são ainda mais difíceis de avaliar, segundo os pesquisadores.

Macrorregião Metropolitana concentra o PIB gaúcho

Ana Stobbe

A Região Metropolitana, somada ao Litoral Norte e ao Vale do Sinos, concentra 36,52% do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul, o maior percentual entre as cinco macrorregiões que compõem o Mapa Econômico do RS. O dado é de 2021, o mais recente divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o recorte municipal.

A defasagem dos dados se dá por uma revisão da metodologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que atrasou a divulgação dos números de 2022, os quais deverão ser divulgados até o final deste ano. Mesmo assim, é possível avaliar tendências regionais.

Pesquisadores do Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS), vinculada à Secretaria Estadual do Planejamento, consideram ser possível dividir o Estado, de uma maneira geral, em duas grandes porções: a parte Centro-Sul e a porção Norte, que forma uma meia lua com Serra, Região Metropolitana e Litoral Norte. Enquanto a parte Norte do RS apresenta crescimento potencial e indicadores socioeconômicos superiores, a do Sul ainda busca reverter as suas dificuldades.

“Vemos que são dois estados. O desempenho de educação das escolas municipais

públicas na Metade Norte do RS é muito maior que o desempenho das escolas municipais públicas na Metade Sul. Quando pegamos dados de renda, vemos dois estados, diferenças sociais muito grandes. E conseguir reverter isso é algo bem difícil. Existem diversas iniciativas (previstas para o Sul), empresas que estão se instalando, temos a expectativa de que, sim, se possa reverter”, avalia o diretor-adjunto do DEE-RS, Pedro Zuanazzi.

Embora esteja no quadrante de maior desenvolvimento do Rio Grande do Sul, a Região Metropolitana e, em certa medida, o Vale do Sinos, têm algumas dificuldades no aspecto populacional, o que, consequentemente, pode impactar na economia. Afinal, enquanto os habitantes gaúchos envelhecem e ampliam sua longevidade, a taxa de filhos por mulher diminui e o saldo migratório não é o suficiente para manter a demografia em alta.

O Litoral Norte, entretanto, está em alta: sua população cresceu 25,87% entre os censos de 2010 e 2022. Com isso, a atração de serviços e comércios auxilia a movimentar a economia e fomentar o desenvolvimento da Macrorregião Metropolitana como um todo. É o que acontece também na Região da Serra e, por isso, o DEE-RS acredita que ambas as zonas podem crescer nos próximos anos.

A parceria para a indústria do amanhã começa hoje.

O BRDE financia a indústria que gera emprego, renda e desenvolvimento sustentável, sempre à frente da inovação e ao lado de quem constrói o progresso.

BRDE.com.br

BRDE  **CRÉDITO PARA INOVAR E DESENVOLVER.**